



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e suas repercussões no trabalho profissional da e do assistente social

AS NOVAS MORFOLOGIA NO MUNDO DO TRABALHO E OS IMPACTOS NO TRABALHO PROFISSIONAL DAS ASSISTENTES SOCIAIS DOS CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

PRISCILLA DOS SANTOS PEIXOTO BORELLI TAVARES ¹

RESUMO: Esse trabalho versa sobre o trabalho profissional das assistentes sociais vinculadas aos Centros de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas – CAPS AD do município do Rio de Janeiro e as mudanças ocorridas no mundo do trabalho após a reestruturação produtiva do capital no século XX. Discutem-se, a partir de dissertação em que foram entrevistadas oito assistentes sociais, as implicações do trinômio intensificação, precarização e flexibilização nas relações de trabalho das profissionais e a participação em movimentos coletivos de resistência e de luta da classe trabalhadora.

Palavras Chaves: Trabalho; Serviço Social; Reestruturação Produtiva

ABSTRACT: This work deals with the professional work of social workers linked to the Psychosocial Care Centers for alcohol and other drugs - CAPS AD in the city of Rio de Janeiro and the changes that have taken place in the world of work after the productive restructuring of capital. Based on a dissertation in which eight social workers were interviewed, the implications of the trinomial intensification,

1 Profissional de Serviço Social. Centro De Atenção Psicossocial

precariousness and flexibility in the work relations of professionals and the participation in collective movements of resistance and struggle of the working class are discussed.

Keywords: Work; Social Work; Productive Restructuring

1-INTRODUÇÃO

Este trabalho discute as mudanças no mundo do trabalho e os impactos no trabalho profissional das assistentes sociais no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) nos Centros de Atenção Psicossocial para pessoas com consumos nocivos de álcool e outras drogas – CAPS AD, dispositivo de base territorial e comunitária essencial para Reforma Psiquiátrica brasileira. E advém da pesquisa de dissertação “_____” (_____, 2020), na qual foram entrevistadas oito assistentes sociais num universo total de dez profissionais do Serviço Social. A pesquisa contou com a aprovação dos comitês de ética em pesquisa da universidade e da prefeitura do Rio de Janeiro – pareceres nº 3.674.243 e 3.908.544, respectivamente.

Essa pesquisa desenvolveu-se em uma conjuntura de avanço neoliberal e da extrema direita no país após o golpe de 2016 que acirrou o ataque a Seguridade Social brasileira e ao Sistema Único de Saúde- SUS, espaço ocupacional das assistentes sociais. No município do Rio de Janeiro, em consonância com o âmbito nacional, desde 2017 intensifica-se o que Melo, Mendonça e Teixeira (2019) denominam de crise política e financeira na saúde caracterizado pelo anúncio de déficit no orçamento municipal. No ano que se segue ocorreram atrasos nos pagamentos dos salários dos profissionais, demissões em massa na saúde e piora nas condições de trabalho nas diversas esfera da saúde, inclusive da saúde mental.

Desta forma, trataremos dos efeitos da reestruturação produtiva, no século XX, e das novas morfologias do mundo do trabalho (ANTUNES 2018; 2020) conciliado com a conjuntura municipal após 2017 no trabalho profissional das assistentes sociais, identificando o trinômio da intensificação, precarização e

2 A referência completa não consta para evitar identificação conforme norma do congresso

flexibilização. Conquanto também apreendemos a participação em movimentos coletivos de resistência, pois apesar de a participação em movimentos sociais e o fomento a participação dos usuários e familiares não ser uma atribuição privativa da profissão corroboramos com Albuquerque, Landim e Andrade (2018) ao afirmarem que o Serviço Social parece dispor de maior aporte teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo para incentiva-la nos seus espaços de atuação profissional.

2- A RESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E AS MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO

Para Marx (2008) a lei absoluta do modo de produção capitalista é a produção de mais-valor, isto é a valorização do capital. Todavia,

O verdadeiro obstáculo à produção capitalista é o próprio capital, isto é, o fato de que o capital e sua autovalorização aparecem como ponto de partida e ponto de chegada, como mola propulsora e escopo da produção; o fato de que a produção é produção apenas para o capital, em vez de, ao contrário, os meios de produção serem simples meios para um desenvolvimento cada vez mais amplo do processo vital, em benefício da sociedade dos produtores. Os limites nos quais unicamente se podem mover a conservação e a valorização do valor de capital, as quais se baseiam na expropriação e no empobrecimento da grande massa dos produtores, entram assim constantemente em contradição com os métodos de produção que o capital tem de empregar para seu objetivo e que apontam para um aumento ilimitado da produção, para a produção como fim em si mesmo, para um desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais do trabalho. O meio – o desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais – entra em conflito constante com o objetivo limitado, que é a valorização do capital existente. Assim, se o modo de produção capitalista é um meio histórico para desenvolver a força produtiva material e criar o mercado mundial que lhe corresponde, ele é, ao mesmo tempo, a constante contradição entre essa sua missão histórica e as relações sociais de produção correspondentes a tal modo de produção (MARX, 2017, pg 307).

Portando, a história do modo de produção capitalista é marcada por diversas crises, dentre elas a que inicia-se em 1970 e que segundo Cantalice (2016) indicou o esgotamento de um período de crescimento do capital, os denominados trinta anos gloriosos do pós Segunda Guerra Mundial, e uma inversão pra um ciclo de recessão operado pela crise de acumulação capitalista e pela queda na taxa tendencial de lucro com momentos esporádicos de crescimento.

Essa crise exigiu do capitalismo uma reestruturação produtiva que caracterizou-se pelas transformações fordistas-tayloristas com modificações sócio

organizacionais e tecnológicas, na morfologia da produção de mercadoria na indústria e transformações na área de serviços, este processo avança com a implementação do toyotismo, identificado pela maior racionalização do trabalho vivo e pela “captura” da subjetividade do trabalhador. Além disso, expande-se para todas as esferas sociais, com metamorfoses geoeconômicas, político-institucionais e culturais (ALVES, 2007).

A partir da reestruturação produtiva, do século XX, o trabalho sofre modificações e adquire novas morfologias, através da precarização, flexibilização e adição de novos elementos ao processo de alienação, tal como a conversão da terminologia de trabalhadores para colaboradores, parceiros, mascarando a exploração e incentivando o “envolvimento participativo” em que o aumento da produtividade torna-se parte da responsabilidade do trabalhador para colaborar com o crescimento da empresa sob o ideário de colaboração capital e trabalho, ocultando o conflito de classes (ANTUNES, 2018).

Estes novos fetiches exacerbam-se com o avanço do Estado Neoliberal, Antunes (2020) destaca o mito do empreendedorismo e sua função de perpetuar a meritocracia e o velar os mecanismos do capital que gera uma grande massa de desempregados, para o autor mesmo que o empreendedor acredite que se torna um empresário de si mesmo, ele segue como sendo proletário. Assim como, a pejetização que para este surge a fim de mascarar o fato de o trabalhador seguir como assalariado. No Brasil foi a partir do golpe e do início do governo Temer que concretizou-se os maiores desmontes aos direitos sociais, trabalhistas e previdenciários, o resultado é “que a informalidade faz com que as empresas tratem os trabalhadores e as trabalhadoras como uma seringa: usa e descarta. O problema é que nós estamos criando uma sociedade desumana, brutal, antissocial, destrutiva e violenta” (ANTUNES, 2020, pg 4).

Portanto, compreender esse contexto é fundamental, pois as assistentes sociais nos CAPS AD estão inseridas nessas novas morfologias do mundo do trabalho. A sua condição de trabalhador assalariado pressupõe a mediação do mercado de trabalho (CEOLIN, 2014) e, ainda, para apreender o exercício profissional é necessário considerar as tensões entre o trabalho concreto o qual o

trabalhador deseja direcionar e o contraponto da alienação do trabalho social (IAMAMOTO, 2011), como veremos a seguir.

3- O TRABALHO PROFISSIONAL NOS CAPS AD

O Serviço Social é umas profissões que compõem as equipes dos CAPS AD na perspectiva de realizar um trabalho coletivo em saúde (MATOS, 2013), portanto, as reflexões trazidas a seguir sobre a precarização e o aumento da exploração no trabalho profissional das assistentes sociais podem subsidiar discussões no âmbito de outras profissões, na medida que estas compõem a classe que vive do trabalho no modo de produção capitalista.

3.1 - A intensificação do trabalho através do uso das Tecnologias de Comunicação

A reestruturação produtiva intensificou a utilização das tecnologias no âmbito de todas as esferas de valorização do capital, através do que Alves (2007) denomina de “ciberespaço”

Isto é, um campo de integração difusa e flexível dos fluxos de informações e de comunicação entre máquinas computadorizadas, um complexo mediador entre os homens baseado totalmente em dispositivos técnicos, um novo espaço de interação (e de controle) sócio-humano criado pelas novas máquinas e seus protocolos de comunicação e que tende a ser a extensão virtual do espaço social propriamente dito [...]uma rede de homens-mediados por- máquinas-informáticas (ALVES, 2007 p. 62).

No entanto, este não é desvinculado das relações sociais da sociedade capitalista, configura-se como uma ampliação dessas relações para o universo virtual (ALVES,2007).

Na pesquisa foi possível observar que o ciberespaço enquanto espaço do trabalho profissional das assistentes sociais possibilitou avanços na articulação de

redes e no acesso a tecnologias de informação em saúde. Conquanto, também permitiu que as trabalhadoras fossem acionadas fora da sua jornada de trabalho presencial nos serviços, conforme informaram todas as entrevistadas: “Quando estava em uma tentativa de descansar de coisas, assim, que estavam acontecendo de uma forma muito pesada e aí mais uma vez te colocam ali pra responder algo sobre aquele usuário” (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD, 2020).

Os serviços das profissionais entrevistadas possuíam grupos profissionais, na ferramenta WhatsApp, para discussão de assuntos relacionados ao dispositivos e estas relataram acessá-los ou serem convocadas a responder e intervir em situações mesmo fora do seu horário de trabalho.

Ou à noite, sobre algum usuário que está no acolhimento noturno e perguntar o projeto, qual a direção que eu precisava dar para aquele momento ou contar alguma coisa que aconteceu no momento em que acontece. Já fui acionada tanto pela equipe quanto pela gestão em situações graves também (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Também sobre intervenções de crise para determinados usuários (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Mas assim de uma maneira geral quando tinha uma situação mais específica com alguns usuários que eu era a técnica de referência eu ficava ligada, estava acontecendo para saber se era com ele se eu podia ajudar maneira (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

A necessidade de aceleração dos ganhos do capital apresenta novas características com a acumulação flexível, entre elas a compressão do espaço – tempo (HARVEY, 1992). Esse processo possibilita que as entrevistadas sigam produzindo mesmo fora do horário no qual venderam a sua força de trabalho e sejam chamadas a intervir de forma cada vez mais pragmática na imediaticidade das demandas e fornecendo repostas as instituições.

Outro exemplo relatada pelas assistentes sociais desse trabalho fora do horário dos serviços foram as ações intersetoriais

Eu acho que, às vezes, é por algum trabalho de articulação social ou com a equipe de saúde da família [...], as ações de discussões de caso. E isso acontece fora do seu dia, porque, às vezes, é o dia do outro colega, que só está naquele dia na unidade ou, então, liga para o CAPS e eu não estou no CAPS e as pessoas acabam ligando. Esses chamados fora do horário têm muito a ver com esse trabalho de

articulação, [...], intersetorial, acho que é o que mais acontece (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

É... por via telefone seja por ligação ou mensagem. É... muito referente às dúvidas de fluxo de rede e de acompanhamento de casos diretamente que eu faço, mas eu vejo muito por fluxo de redes, quais serviços que atendem determinados usuários, qual é o fluxo de encaminhamento. [...] De tudo um pouco, às vezes, algum usuário que batia em outro serviço e aí citava o nome, e aí tanto de o profissional me conhecer ou ligar no CAPS e falar que precisa falar especificamente comigo. (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Nesse sentido novamente a ferramenta do WhatsApp ao mesmo tempo em que facilita a articulação, fecunda que as profissionais estejam em uma posição de que podem ser acionadas a responder a qualquer momento. Observamos que a pandemia do COVID-19 intensifica essa posição na medida que grupos como “Recursos AS na Pandemia” e “Assistentes Sociais na SM”, entre outros, foram utilizados para agilizar o acesso dos usuários a benefícios e outros recursos.

A intensificação do trabalho não ocorreu sem o questionamento das entrevistas, visto que o ciberespaço também se configura enquanto espaço de resistência

Em algum momento sim, assim no início, [...], só que eu comecei a dizer não. Aí eu deixei de atender o telefone e depois de algum tempo eles pararam de me ligar [...], porque é fato [...], tem coisas que eu não podia responder de casa por que é isso [...] quem tá lá precisa avaliar, se o projeto terapêutico era x e eu não estou lá a pessoa precisa avaliar. Às vezes, o cara está superintoxicado sabe não dá pra manejar, o cara precisa entrar no CAPS, não de antes de eu vê-lo não dá pra valer pra quando eu não estou lá, eu não sei como ele está no momento e era isso que eu dizia. Então, depois de um tempo não, mas durante um tempo sim e quando eu passei a dar algum limite e dizer não, eles pararam de ligar (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

As entrevistadas relataram que identificavam essa exploração do trabalho a parti das demandas das instituições, principalmente aquelas que atuavam em serviços que funcionam 24 horas.

3.2 - A precarização do trabalho e privatização da Saúde

O avanço da contrarreforma do Estado brasileiro que intensificou-se após o golpe de 2016 aprofundou a “receita” neoliberal de redução da proteção pública ao trabalho, aumento da exploração da força de trabalho, privatização dos setores essenciais e ampliação das margens de apropriação do fundo público (SANTOS, 2019). Essas diretrizes afetam as políticas sociais e os espaços de atuação das assistentes sociais, conforme destacam as entrevistadas:

Então, o que é mais difícil no trabalho é uma coisa externa mesmo, a conjuntura, o sucateamento do CAPS e dos outros serviços também que tentam manter o comprometimento dos outros setores também quando estão fragilizados, a assistência e a educação fragilizados impacta diretamente no nosso trabalho considerando a saúde de maneira integral e o usuário na sua totalidade. Por exemplo, agora isso, pra muitos usuários do CAPS a única renda dos usuários é o Bolsa Família e aí isso do benefício ser cortado, não consegue reaver, é bloqueado, tudo isso impacta diretamente no nosso trabalho (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Nossa! Eu acho que maior desafio era atuar com a política social esmorecendo a cada dia, a cada dia você ter menos espaço para garantir direitos para os usuários, eu não sei se isso é do CAPS, mas da política social como um todo e isso pra mim pegava muito [...]. Entender que o cara está super desejando e quer organizar as coisas, a vida, conseguir um benefício, um documento, mas não tinha aí um abrigo que sustentasse ele ficar um mês por que o abrigo não tinha vaga ou era um abrigo que ele mesmo não queria ir, que era muito ruim, pois ofereciam drogas dentro do abrigo, isso era muito difícil, pegava muito pra mim, sabe, você às vezes oferecer o abrigo e saber que as condições eram insalubres. E isso pegava muito, sabe, o cara não quer ir pro abrigo mesmo sabendo que isso ajudaria a organizar a vida sabe (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

No que tange a saúde Bravo (2009) destaca que o processo de privatização iniciou-se em conjunto com sua regulamentação e aprofundou-se nos anos 2000 com a ampliação do espaço do mercado; o sub-financiamento e a distorção dos gastos públicos; a desigualdade no acesso; a precarização dos trabalhadores e os recuos nas experiências de controle social e a terceirização com os surgimento das Organizações sociais e das Fundações Públicas de Direito Privado. Em relação aos serviços em que está pesquisa foi realizada todos eram administrados por Organizações Sociais, o que apresenta impactos para o trabalho profissional

O primeiro deles é o desmonte do SUS, esse [...] é o maior desafio. A gente vê que coisas que a gente programa pra fazer a gente não pode fazer por causa que a gente se deparou [...] com uma necessidade [...] de uma estratégia da greve. E a gente necessitou paralisar o serviço, então eu acho que esse é o maior desafio [...], o desmonte do SUS juntamente com as novas propostas da política de álcool e drogas, as novas propostas da saúde mental... acho que desde que eu estou no

CAPS esse ano [...], de 2019, vendo todo esse desmonte foi o maior desafio (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

PESQUISADOR: quantos contratos você já passou nesse período que você trabalha nos CAPS AD?

ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD: três, não quatro

P: Você conseguiu tirar férias?

AS: não proporcional ao tempo de trabalho, por exemplo [...], agora a gente mudou o contrato e eu não consegui tirar férias. [...]. É a segunda vez que isso acontece de eu receber as férias e não tirar. No vínculo anterior as férias estavam acumulando, até dois anos, e eu saí sem conseguir tirar as duas férias que eu tinha direito.

Nos serviços em que foi realizado a pesquisa os cortes orçamentários na saúde repercutiram em falta de insumos, alimentos, recursos humanos e medicação.

E as dificuldades de maneira geral são as que a gente vive [...], falta de material, sem verbas, passamos um período grande sem ter medicação e isso tudo interfere muito no trabalho (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Os usuários deste serviços, segundo as entrevistadas, necessitavam da alimentação fornecida por estes para suprir as suas necessidade diárias, portanto o corte na alimentação acarretou um forte impacto pra essa população

E juntamente com período de atraso salarial e benefícios nós tivemos o corte da alimentação, a nossa população é em um território muito vastos, muito grande e as dificuldades de acesso do serviço é relatada por diversos usuários, então, quando eles chegam pelo período da manhã é nove horas para cumprir, para dar continuidade ao seu projeto terapêutico singular tanto usuários da manhã quanto usuários da tarde eles precisam sair com duas horas e às vezes três horas de antecedência de casa então muitos deles ficam mal alimentados, então, o corte da refeição causou impacto de redução muito muito grandes do nosso serviço (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

As novas morfologias do mundo do trabalho, destacada pela uberização, possibilitou que todos os serviços privatizados fossem produtores de mais-valor, resultando em formas de trabalho cada vez mais intermitentes, desregulamentadas, e sem direitos trabalhistas (ANTUNES, 2020a). Esses aspectos foram identificados pelas entrevistadas

Acho que desde que eu estou no CAPS, esse ano [...], de 2019, vendo todo esse desmonte foi o maior desafio, sendo eu uma profissional terceirizada, que fico muito vulnerável, os salários atrasados, enfim com todas essas questões (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Eu acho que a precarização do trabalho tem sido o maior desafio [...], porque a precarização do trabalho [...], bota em xeque muitas coisas [...], bota em xeque a nossa saúde enquanto trabalhador, o cuidado que a gente consegue pensar e de fato construir [...], com os usuários [...], isso tem sido uma coisa [...], que eu tenho pensado muito que hoje esse é o maior desafio pra eu enfrentar, assim, enquanto profissional seja para avaliar se tem que ir, se é importante ir nos territórios de uso sem ter um cartão de passagem [...], muitas vezes, então, ter que custear o próprio trabalho [...], ter que custear as idas à clínica da família, as visitas domiciliares, tentar construir uma rede mais sólida pro usuário e mais viva e se deparar, por exemplo, com a demissão de muitos profissionais e vê que as coisas estão sendo cumpridas de um modo mais frágil [...] e que também fragiliza assim esse cuidado que se pensa assim junto com o usuário (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Essa forma de contratação dificulta que as profissionais possam realizar um planejamento do seu processo de trabalho, assim como possam receber estagiários ou participar de espaços formativos, visto que não possuem uma perspectiva de continuidade do trabalho. Observamos ainda que as assistentes sociais assumem os meios de trabalho que deveriam ser fornecidos pelo Estado ao custear o seu deslocamento entre os serviços, ao utilizar o próprio aparelho de telefone para ações institucionais, entre outras ações.

A precarização também dificulta a garantia do direito de tratamento em liberdade e no território preconizado pela Reforma Psiquiátrica no país, os CAPS enquanto serviços substitutivos a internação psiquiátrica em hospitais psiquiátricos deveriam garantir o tratamento integral destes usuários, no entanto devido à falta de recursos humanos e insumos, serviços que não encaminhavam para a internação passaram a realiza-lo

O que eu observo nesses casos seis anos é que a gente aciona a internação clínica quando muito necessário, como, por exemplo, com essa preocupação que está ocorrendo nos serviços ultimamente nos últimos três anos principalmente, a gente tem muita dificuldade de ter médico clínico dentro da unidade como é preconizado [...]... E aí essa avaliação fica mais a cargo da clínica da família. Então, nessa questão clínica, principalmente nos casos mais graves, quando a gente não tem o suporte da clínica da família a gente regula para internação. No caso das internações em hospital psiquiátrico, principalmente também por conta dessa precarização dos serviços, a gente tem pouco recurso médico, poucos médicos estão trabalhando na saúde mental e aí a gente tem por exemplo trabalhando em uma área muito populosa apenas um médico trabalhando em um CAPS ad tipo III. Então, toda a articulação possível para evitar a internação a gente faz, mas principalmente nos últimos seis meses a gente percebeu, eu percebi no meu cotidiano de trabalho uma necessidade maior de regular é, porque a gente não tem suporte, não tem suporte na rede. Eu creio que deve ter um inchaço na rede de internação tanto clínica quanto psiquiátrica, mas isso aumentou pra não colocar em risco a vida do usuários, mas eu me recordo nesses quase seis anos que isso não

era uma prática do serviço é fazer internações psiquiátricas, por exemplo, de maneira corriqueira, quando a gente tinha mais médicos na instituição era mais possível fazer essa atenção à crise de maneira mais longitudinal [...], bancar a atenção à crise no CAPS e hoje em dia a gente precisa pra fazer uma avaliação psiquiátrica apenas ou se é alguém que não tem chegado no serviço e não conseguimos acompanhar acabamos regulando para internação psiquiátrica (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

O avanço neoliberal diminuiu as possibilidades de consolidação da Reforma Psiquiátrica no país causando um aumento da desassistência e da lógica do lucro nos grandes manicômios (VASCONCELOS, 2016).

3.3- O adoecimento e sua relação com o trabalho

As novas morfologias do mundo do trabalho produzem um adoecimento físico e psíquico do trabalhador, pois a flexibilização das relações traz como tendência o rompimento dos laços solidários e a diminuição da capacidade de estratégias de defesa de forma coletiva (ANTUNES, 2018).

O maior desafio para mim era a precarização do trabalho e aí não só para as assistentes sociais [...], um trabalho precário pra todo mundo e que impacta inclusive na nossa saúde mental e aí eu precisar manter o barco flutuando aí na água sem receber coisas básicas e aí não estou falando só de salário, faltava muita coisa nos serviços (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

A diminuição da capacidade coletiva pode ser constatada pela descrição das entrevistadas de contratos por diferentes OSS e também situações em que na mudança de contrato algumas categorias tinham corte de salários e outras aumentos significativos, individualizando assim as lutas por categorias na área da saúde.

O avanço da precarização gradativamente apoderasse da subjetividade da classe trabalhadora, fecundando a construção de subjetividades em desefeitização, devido ao aumento do grau de estresse causado pelas contradições da relação

capital –trabalho (ALVES, 2007).

Eu acho que afetava no trabalho nos profissionais que as pessoas não conseguem ficar tranquilas quando não recebem os seus salários, então, isso afeta necessariamente na atuação que a gente tem que usuários que as pessoas já não estavam mais da mesma maneira (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

A conjuntura do adoecimento apresentada agrava-se com o início da pandemia do Covid-19, visto que as entrevistadas seguiam trabalhando em situações cada vez mais incertas de contratos e em alguns casos sem equipamentos de proteção individual adequados para minimizar o risco de contaminação.

Eu ia até começar com isso, acho que isso fala até da gente ter adiado a entrevista algumas vezes, não sei se isso vale, mas eu queria falar assim, a gente está em uma situação aí de uma pandemia acontecendo, de uma coisa mundial e que tá sendo muito difícil para nós trabalhadores da saúde mental, que estamos ali atendendo os usuários, muitas pessoas em situação de rua assim, que a gente não tem muito ainda o que ofertar, não sabe ainda o que vai ser ofertado ainda pra essas pessoas, precisando rever projetos terapêuticos e quanto isso está sendo cansativo para nós profissionais. E a nossa saúde mental também, o quanto está sendo difícil chegar no CAPS e precisar dizer você vai precisar ficar quinze dias em casa, recolhido, quando tem casa, e quando não tem o que a gente diz. E tá lá as orientações se está com síndrome gripal, manda voltar pra casa, que casa? E quanto está sendo difícil, o quanto isso nos tem afetado e até por isso pedir desculpas, pedi pra adiar um pouco a entrevista, pois, a minha saúde mental não estava dando conta dos trabalhos seguidos no CAPS, me expondo em risco, em sem poder ofertar muitas vezes algumas coisas pros usuários (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Tal contexto fez com que algumas entrevistadas saíssem dos CAPS AD e buscassem outros espaços sócio ocupacionais. No entanto, mesmo em um contexto de precarização e de adoecimentos as entrevistadas relataram a importância de movimentos de resistência e de luta em conjunto com usuários e outros trabalhadores, como destacaremos a seguir.

3.4 - Mobilização social: movimentos de resistência

Em contextos de avanço das contrarreformas do Estado, é necessário que as assistentes sociais ocupem espaços coletivos de mobilização social, a fim de

[r]eassumir o trabalho de base, de educação, mobilização e organização popular, que parece ter sido submerso do debate teórico-profissional ante ao refluxo dos movimentos sociais, mas não no trabalho de campo. É necessário ter clareza que a qualidade da participação nesses espaços públicos não está definida *a priori*, porque são espaços de disputa (IAMAMOTO, 2012, p. 55).

As entrevistadas relataram participar de espaços de mobilização realizadas e coordenados por estas dentro dos dispositivos, a saber:

Nós temos aqui também o grupo político qual é realizado uma vez por semana com a participação normalmente as residentes que estão passando pelos serviços participam desse grupo também e o grupo ele tem de proposta de não só está no serviço, está nas assembleias como um grupo consolidado e em construção também o tempo todo (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Eu esqueci de falar das assembleias que é um espaço muito importante para os assistentes sociais comporem, a gente construir coisas muito legais nas assembleias, mas a galera ficou foi com ódio de saber coisas sobre direito e não conseguir acessar. (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Além de espaços coletivos internos, as entrevistadas informaram participar de movimentos de luta contra a precarização do trabalho e da saúde.

A gente fazia ocupações mensais nas praças da cidade, assim como eventos na universidade aberto ao público, tanto explicando o que é esse serviço, a importância do CAPS [...], divulgando para as pessoas então eu reconheço como espaço de mobilização. Assim como as assembleias fora do espaço do CAPS, atos em frente a... pela cidade do Rio de Janeiro em frente é ao Tribunal Regional do Trabalho. (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Algumas instituições de território, referente à mobilização de moradores e usuários de território, como o conselho gestor, eu acho que só (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Olha eu participava de bastante coisa, discussão na câmara, audiência pública na ALERJ, manifestação [...], girava muito em torno da luta contra a precarização, algumas coisas mais microterritórios com pauta assim de lutar por algum direito que a gente inclui, [...], os usuários (ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Além da construção da semana da luta antimanicomial que a gente conseguiu fazer em espaços diferentes, como as clínicas da família e outros serviços da rede no CREAS, acho que também são espaços que se pode reconhecer como mobilização. Esses são espaços que a gente consegue divulgar o trabalho do CAPS para população, conversar com a população sobre isso, sobre o que é o CAPS, que muitas

peças não sabem eu reconheço como espaço potente de mobilização.
(ASSISTENTE SOCIAL DE CAPS AD).

Destacamos a participação das assistentes sociais em espaços de fortalecimento da luta da classe trabalhadora e de seus direitos ao se reconhecer enquanto pertencente a esta classe, além da associação a movimentos com pauta pela não privatização da saúde e pela efetivação da Reforma Psiquiátrica no país.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Contrarreforma do Estado em curso no país e as novas morfologias do mundo do trabalho aprofundam as contradições das relações sociais capitalistas e trazem novos desafios para a luta da classe trabalhadora, que inclui as assistentes sociais. A pesquisa corrobora essa afirmativa na medida em que as assistentes sociais dos CAPS AD relatam os impactos no trabalho profissional do trinômio precarização, intensificação e flexibilização. Fenômenos estes que já estavam em curso e que foram acelerados com a crise sanitária do Covid-19, com o aprofundamento do trabalho remoto e de outras formas de uberização do trabalho (ANTUNES, 2020b).

No entanto, apesar do reconhecimento da tendência de fortalecimento do capital as assistentes sociais demonstram a importância da participação nas lutas sociais do fortalecimento da classe trabalhadora o que nos permite apreender que a profissão segue a partir dos valores expressos no seu código de ética e da orientação da teoria crítica fomentando a resistência coletiva aos avanços neoliberais.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBURQUERQUE, C. S.; LANDIM, E.; ANDRADE, M. O fazer do assistente social nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). In: LOPES, C. (Org.). **Competências e atribuições do/a assistente social: requisições e conhecimentos necessários**. 1.ed. Fortaleza: Socialis, 2018. p. 57-86.

ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. Entrevista com professor Dr. Ricardo Antunes (Unicamp – campinas-SP). [Entrevista concedida a] Lucas Martins Soldera. **Psicologia em Estudo**, Paraná, v. 25, p. 1-8, 2020.

_____. Proletariado digital, serviços e valor. In: ANTUNES, R. (O.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020a. p. 15-25.

_____. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020b.

BRAVO, M. I. S. Política de saúde no Brasil: reforma sanitária e ofensiva neoliberal. In: Seminario Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social. El Trabajo Social en la coyuntura latinoamericana: desafíos para su formación, articulación y acción profesional, 19, 2009, Guayaquil, Ecuador, **Anais Eletrônicos [...]**. Guayaquil: 2009 p. 1-12. Disponível em: <<https://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-019-187.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CANTALICE, L. B. de O. Neoconservadorismo na produção do conhecimento em Serviço Social: tensões entre o pós-moderno e o projeto profissional. **Temporalis**, Brasília (DF), n. 32, p.231-259, jul/dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/14199>> Acesso em: 10 jun. 2022.

CEOLIN, G. F. Crise do capital, precarização do trabalho e impactos no Serviço Social. **Serviço Social. & Sociedade**, São Paulo, n. 118, p. 239-264, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282014000200003&lng=e n&nrm=iso>. Acesso em: 17 jul 2022.

HARVEY. D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural**. São Paulo: Editora Loyolo, 1992.

SANTOS, J. S. O enfrentamento conservador da “questão social” e desafios para o Serviço Social no Brasil. **Serviço Social & Sociedade [online]**, São Paulo, n.139, p.

483-496, set/dez, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.190>>. Acesso em: 03 Aug. 2022.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011

_____. Projeto profissional, espaços ocupacionais e trabalho do assistente social na atualidade. In: CFESS. (Org.). **Atribuições privativas do/a assistente social em questão**. v. 1, Brasília: CFESS, 2012.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política: Livro I. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. 25. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

_____. **O Capital** [recurso eletrônico]: crítica da economia política: Livro III: o processo global da produção capitalista. Tradução: Rubens Enderle. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MATOS, M. C. **Serviço Social, ética e saúde**: reflexões para o exercício profissional. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MELO, E. A.; MENDONÇA, M. H. M. de; TEIXEIRA, M. A crise econômica e a atenção primária à saúde no SUS da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 12, p. 4593-4598, dez. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019001204593&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2022.

VASCONCELOS, E. M. **Reforma Psiquiátrica, tempos sombrios e resistências**: diálogos com o marxismo e o Serviço Social. Campinas: Papel Social, 2016.